

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — Francisco da Silveira Bueno — Livraria Acadêmica, Rio, 1955, pp. 345.

Graças à Biblioteca Brasileira de Filologia, os alunos das faculdades de Filosofia já têm excelentes manuais com que podem enfrentar várias dificuldades.

O n.º 6 dessa coleção é de autoria do dr. prof. Silveira Bueno, catedrático de Filologia Portuguesa na Universidade de S. Paulo, o qual, em 30 capítulos, seguindo, conforme declarou, no que foi possível a "Historia de la Lengua Española" de Rafael Lapesa, desenvolveu-os com grande conhecimento do assunto, em linguagem fluente, desembaraçada, não faltando em suas páginas o tom polêmico que todos conhecemos em outros escritos.

Constitui esse volume o 2.º dos "Estudos de Filologia Portuguesa", apesar de o 1.º encerrar a parte teórica das suas aulas na Faculdade de Filosofia, e apesar de ter anunciado seguir "a matéria arcaica desde os *Cancioneiros* até Sá de Miranda"; como o 3.º volume, que há de vir, "a clássica, de Camões a Vieira". Todavia, para governo do leitor, são aqui transcritos os títulos dos capítulos: Lusitânia pré-histórica, Lusitânia romântica, Lusitânia germânica, Lusitânia arábica, Lusitânia pré-literária, Lusitânia arcaica — período galego-português, aspectos do galego-português, notas de sintaxe arcaica, formação da prosa literária arcaica, a gramaticalização do idioma, a formação da prosa clássica, o período barroco, o neoclassicismo, o romantismo, os sistemas ortográficos, dialetação da língua portuguesa.

Presta grande serviço o índice alfabético.

Merce especial consideração o capítulo da dialetação portuguesa e nêle incluso o português do Brasil.

Recomendamos a obra aos estudiosos e especialmente aos alunos das faculdades de Filosofia, que muito têm de aprender nas suas páginas, mas com algumas observações — *lana caprina* — que se fazem necessárias:

Nem sempre o A. segue exatamente a ortografia oficial (p. ex., à p. 19): **pre-romana, ligures, possuimos, pre-históricos, astures**.

Não são tais os etnônimos vernáculos: **vetones, carpentanos** (p. 19), **burghinhão** (p. 59), e o sing. de **ligures** não é **liger** (p. 20).

Como citou **origem tartéssia** (p. 25), deveria o A. falar dos **Tartessos**.

O térmo adequado não é **flexíveis**, porém **flexivas** ou **flexionais** (p. 22).

Não aceita o A. **páramo** como ibérico (p. 23), "porque tal palavra existe em sânscrito". Isto não é argumento sustentável. E a sua "formação é tôda contrária à do basco, continuador do ibérico".

E' verdade que o **p-**, inicial, embora existente no basco, não é fonema genuíno, o que se confirma pela inexistência do **p-** em palavras ibéricas, "stricto sensu".

Fora desse fato, há exemplares vasconços comparáveis àquela — **magala**, "seio"; **horma**, "gêlo" (que pode provir de **hóroma**); etc. Terminação em **-o**,

final? Cp. **ardao**, "vinho"; **arrapo**, "espuma"; etc. O **-r-**, simples, intervocálico? Cp. **buru**, "cabeça"; **erai**, "inimigo"; **aragi**, "carne", etc.

Na p. 24 — "Embora pareçam latinos pela terminação, encerram todos elementos celtas de formação": **Cominius**, **Gallus**, etc. Seria melhor dizer que são latinizações, como foi afirmado mais adiante, na mesma página.

Não é correta a evolução **lana** > **laan** (p. 24), mas **lana** > **lāa** (ou * **lān-a**).

De **cattu** (p. 30) só resultaria **cato**. **Cato** só se explica pelo ascendente **gattu** (cf. p. 88).

Ainda na p. 30 — **coelum** — deve ser substituído por **caelū** ou, melhor, **celū**; na p. 34 **foemina** deve ser substituído por **femina** (cf. p. 37), e **coenare** (p. 33) por **cenare**.

E' duvidoso **catiu** > **cacho** (p. 30), e impossível **caule** > * **cauve** (p. 30).

Entre **mihi** e **mii** só há diferença gráfica; portanto **mi(h)i** > **mi**.

Se **intaliano** (p. 31) é explicado por assimilação (melhor - prolese), como se explicaria o popular **ingual**?

Anu, "nome de um pássaro", não é a forma primitiva, mas **anum** (ou **anun**). E' tendência dos vocábulos tupínicos, no português, terminados em nasal, perder esta, substituída pela acutização. Tratamos do assunto no "Estudo elementar de fonética histórica tupi-portuguêsa", apêndice aos "Pontos de Gramática Histórica Portuguesa", 1.ª edição, Saraiava & Cia., 1937. Daí aproveitamos estes exemplos: **Tupá** > **Tupá**; **kuín** > **cuí**, "ouriço"; **gwirarō** > **guiraró**, "uma ave" e "uma planta"; **ipekún** > **ipecu**, "uma ave"; **panakún** > **panacu**, "cesto"; etc.

Não são formas atestadas **faito**, **laite**, etc. (p. 31).

Melhor que **aurum** > **auro** (p. 31) é apresentar assim — **auru** > **ouro**; assim também — não **ansam** > * **ansa** > **a(n)sa** > **asa** (p. 31), mas **asa** > **asa**, ou **a[n]sa** > **asa**; etc.

Parece que ninguém estabelece uma cadeia fonética como apresenta o prof. Bueno: **pacem** > * **pace** > * **paç** > **paz** (p. 31). Deve ser — **pace** (sem asterisco) > * **paze** > **paz**. Se houvesse a forma intermédia * **paç**, esta seria do tempo em que ainda não se cogitava da grafia. Por outro lado, não se pode falar em convenção ortográfica, referindo-se a formas hipotéticas. Ademais, a seqüência **ce** sonoriza-se sob a representação gráfica **ze**, logo **pace** > * **paze** e depois **paz**.

Quanto a **panem** > **pane** > **pan**, **bene** > **ben** > **bem** (p. 31), tais cadeias evolutivas não consideram a queda do **-n-**, intervocálico, e nasalização da vogal anterior. O fenômeno, portanto, não foi simile a **sole** > **sol**; **mare** > **mar**, etc.

Cenare evolucionou para **cear**. Não está claro, em consequência — "coenare [aliás **cenare**] cedeu ante **jantare**" (p. 33).

E' impossível **antenoctem** (p. 33 e 38) chegar a **ontem**.

P. 36 — O nosso **alegre** provém indiretamente do lat. **alecer**.

Se o árabe não tinha **s-**, inicial (p. 50), como se justifica a existência de **sanefa**, **surrão**, **saguão**, **sáfarō**, **sortete**? E' pergunta que qualquer leitor pode fazer ante esses exemplos da p. 52.

Como se explica que as consoantes finais do árabe receberam no port. uma vogal de apôiô, "segundo o cunho da língua" (p. 50)? Por que é **almofada**, com **-a**, ao passo que **alarde** é com **-e**? Conforme o cunho da língua, parece-nos que seria **-a** ou **-o**, mais do que **-e**.

Na p. 51, é mister esclarecer por que motivo **aldaia** > **aldeia** em oposição com **adail**, **adarga**, **adarme**, etc.

Na p. 119, **harabiyya** não poderia resolver-se em **algarabia**, **algaravia**.

Não se explana por que, p. ex., em *al hayat* se mantém o *l* (*alfaiate*), ao passo que em *al zāit* há assimilação (*azeite*). V. p. 119.

Infelizmente a obra não está bem dividida, e não é, portanto, prática. P. ex., trata do árabe no cap. IV e volta a tratar dêle no capítulo seguinte, sem qualquer ligação. Há, sim, repetição.

Apesar do exposto, o que nos perdoará o ilustrado colega, pela sinceridade que nos ditam estas linhas, é obra na qual os estudantes terão muita coisa para meditar, principalmente nos capítulos referentes ao romantismo, ao neoclasicismo, ao período barroco, à formação da prosa clássica.

R. F. Mansur Guérios.

ORIENTAÇÕES DA LINGÜÍSTICA MODERNA — Sílvio Elia — Biblioteca Brasileira de Filologia — n.º 7 — Livraria Acadêmica, Rio, 1955, pp. 245.

Apesar de o autor declarar que o seu "livro não tem a pretensão de apresentar novidades, nem de ser completo", e de afirmar que "tem perfeita noção de suas limitações, quer no que diz respeito ao aparato bibliográfico, quer no que toca aos temas versados", essa obra não deve faltar em qualquer biblioteca, principalmente se esta for especializada em ciências lingüísticas.

Sabido é que uma das falhas nossas, em geral, consiste no desfalque bibliográfico, e, não obstante, estamos, nós os brasileiros, ainda tão primitivos que os mais capazes devem apresentar as suas obras ou elucubrações com singular esforço, do melhor modo possível, mediante a carga que conseguiram acumular, sob pena de ficarmos estiolando, deixando assim de transmitir, de ensinar aos que menos ou nada sabem. Por consequência, toda obra escrita em português, mesmo que apresente sequer divulgação, é, nestes Brasis, obra magnânima, é caridade — virtude cristianíssima — e, como tal, digna de encômios e louvores. E se divulgar é importante, muito mais é o como se divulga!

Se ainda estamos longe da perfeição européia e americana, por outro lado muito nos consola saber que, mesmo em ultramar, na Europa e nos Estados Unidos, e sabemo-lo através de seus críticos, nomes de responsabilidade fazem também desabrochar rebentos espirituais com imperfeição bibliográfica e mesmo com outras. Para exemplo, citemos o indo-europeísta V. Pisani que, em 1949, na "Introduzione alla Linguistica Indoeuropea", ainda colocava o hitita ao lado das línguas arianas, e o coloca, pois trata de "edizione definitiva, correta e acrescuiuta".

Para o público, embora especializado, que não tenha tempo para um conspecto das ciências lingüísticas atuais, é muita novidade o vol. 7 da Biblioteca Brasileira de Filologia, do prof. Sílvio Elia, docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, cujo pulso conhecemos desde 1940, através d' "O Problema da Língua Brasileira", a nosso parecer, a maior bateria assestada contra a pretensão ultranacionalista, graças à sua cultura filosófica e lingüística.

A atenção do A. às novas diretrizes lingüísticas já vem daí, dessa obra — "O Problema da Língua Brasileira" — especialmente do capítulo — "As novas correntes", após historiar — "Como se tem feito lingüística".

Consta o volume "Orientações da Lingüística Moderna", prefaciado pelo prof. Serafim da Silva Neto, dos seguintes capítulos: a ciência da linguagem — natureza, divisões e objeto; o problema da lingüística geral; a estilística — estilos e estilística; gramática e estilo, didática do estilo; o idealismo lingüístico — Vossler e o idealismo estético; um filósofo da linguagem: a geografia lingüística — o criador: Gilliéron, os atlas lingüísticos; vantagens do novo mundo; a semântica; o estruturalismo; a fonologia; fonologia portuguesa; apêndice: à guisa de explicação; resposta a um gramático (contribuição para o estudo da história da Filologia no Brasil); mestre ameno; trabalhos citados.

Merce considerada a classificação da Ciência da Linguagem (p. 33), fundamentada na bipartição em que a mesma é constituída — lingüística da expressão (que o A. denomina **Estilística**) e lingüística da comunicação ou **Lingüística** propriamente dita. Seguem-se as subdivisões.

Trata-se de uma classificação aperfeiçoada, respeito à que apresentou na conclusão d' "O Problema da Língua Brasileira".

Se o A. se lamenta de ser incompleto, parece-nos, todavia, que a ausência maior é a de um capítulo referente ao estado atual dos estudos comparativos entre línguas e línguas ou, melhor, entre famílias e famílias lingüísticas.

E nesse domínio quanto progresso vem sendo feito, mesmo entre os norte-americanos que parecem ou são de fato tão "incrédulos"!

Nada obstante, os estudiosos e os universitários terão na obra recente do prof. Sílvio Elia um precioso vade-mécum das ciências lingüísticas da atualidade.

R. F. Mansur Guérios.

DICIONÁRIO REVERSIVO DE TOPÔNIMOS E GENTÍLICOS — Luís A. P. Vitoria — Organização Simões, Rio, 1954, 88 pp.

Não é preciso encarecer a importância dos gentílicos para estudantes e estudiosos, principalmente sob a forma de léxico em que vêm publicados. Nem sempre é fácil tê-los à mão. O valor dessa obrinha é aumentado pelo vocabulário de topônimos, aos quais se dá o correspondente ou os correspondentes gentílicos. A praticidade do manual não fica nisso; acresce a reversão dos seus nomes.

Empanam o "Dicionário" vários senões:

1.º) Não devia o A. dar a tradução por dois motivos — Em primeiro lugar porque o leitor não sabe a que idioma pertence, p. ex., **Curitiba** ("mata de pinheiros"), **Cartago** ("cidade nova"), etc. O leitor não descobre que lá se trata de um vocábulo guarani e aqui de um topônimo fenício, pois não se declara o nome da língua designadora. Em segundo lugar porque a interpretação dada por Teodoro Sampaio, que foi a maior autoridade na língua tupi, nem sempre é segura. Não há exagero em asseverar que três quartos das suas etimologias são indefensáveis. O A., todavia, nem sempre seguiu a Teodoro Sampaio. **Curitiba** (na 3.ª ed.) é interpretado — "o pinhal, o sítio dos pinheiros" — quando literalmente é "lugar onde abundam (*tyba*) pinheiros ou pinhões (*kuri*)". Outro exemplo: **Magé** (aliás **Majé**) — "casa do feiticeiro". T. Sampaio: "Antigamente **Magépe**, c. **magé-pe**, no feiticeiro ou no **pagé**, de referência à residência d'este".

2.º) O A. deixou numerosos topônimos sem interpretação, quer de procedência tupi, quer de outros idiomas. Por que em **Bagé** não foi dito nada? **Bajé** (esta é a ortografia!) é o mesmo que **Majé**. Tal se aprende com Teodoro Sampaio.

3.º) O A. nem sempre seguiu a ortografia oficial — **Magé Bagé, Cangussu, Camaquam, Tupaceretá**, etc.

4.º) Vários erros tipográficos: **Abricatim** (em vez de **Abrincatis**); **alacereno, alacerense** (gentílicos de **Albi?**), **Garanhus** (em vez de **Garanhuns**); **paraense** (gent. de **Paraná?**); **esquícaro, esquizaro** (gentílicos de **Suíça?** — devem ser **esguícaro, esguizaro**); **gradino** (em vez de **granadino**); **istros** em vez de **istro**; etc.

5.º) Gentílicos incompletos. Acrescentem-se: **abassi, abasseno, abassino**,

abexi, abassim, abessim (Abissínia ou Abessínia, etc.); **aragoés, aragonense** (Aragão); **acaico** (Acaia); **acorenho, açorino, açorense** (Açores); **abrincátuo, abrincateno** (Abranches); **aefágánico, aefegane** (Afeganistão); **áfrico** (África); **alemânico, alemânia, alemânico** (Alemanha); **transtagano** (Alentejo); **albano, esquipetar** (Albânia); **algaravio, algarbiense, algarviense** (Algarve); **austrália** (Austrália); **barranqueno** (Barrancos); **betlemítico, belemítico** (Betlém ou Belém — de Israel); **horizontino** (Belo Horizonte); **berberesco, berberisco** (Berberia); **borgonhense** (Borgonha); **brabantés** (Brabante); **brasil, brasiliano, brasílio** (Brasil); **curitibense** (Curitiba); **calábrico** (Calábria); **cântabro** (Cantábria); **castrejão, castrejano** (Castro-Laboreiro); **cítico, citiso** (Cítia); **chino** (China); **chileno** (Chile); **conimbrigense** (Coimbra); **cauchim** (Cochinchina); **cordovão** (Córdova); **diense, diuense** (Dio); **egíptico, egiptanense** (Egito); **freixonita, freixense, espadacinta** (Freixo-de-Espada-à-Cinta); **granadense, granatil** (Granada); **greguês** (Grécia); **helvético** (Helvécia); **albião, albíônico** (Inglaterra); **istriota, istriano, istriano** (Istria); **nipono, japon** (Japão); **hierosolímítico** (Jerusalém); **lapônico** (Lapônia); **leônico** (Leão); **lésbico, lesbíaco** (Lesbos); **limogino** (Limoges); **bângala** (Lunda - África); **luxemburguense** (Luxemburgo); **londrês** (Londres); **ligurino, ligúrico** (Ligúria); **madrileno** (Madri); **malhorquino** (Maiorca); **maranhão** (Maranhão); **maceionense** (Maceió); **marroquim** (Marrocos); **milesiano** (Mileto); **geralista** (Minas Gerais); **napolês, partenopeu** (Nápoles); **novaiorquino, niuorquino** (Nova Iorque); **palmelão** (Palmela); **parisino, parisiano** (Paris); **patagônio** (Patagônia); **paranaguara** (Paranaguá); **quíchua** (Peru); **recifense** (Recife); **rio-grandense** (Rio Grande); **russiano** (Rússia); **sião, siame** (Sião); **sérvio** (Sérvia); **suíero, suízaro** (Suíça); **silvense** (Silves); **toletano** (Toledo - Esp.); **triestino** (Trieste); **tunisino** (Tunísia); **varsoviano** (Varsóvia); **venezolano** (Venezuela); etc.

Fazemos votos que o A., na 2.º ed., sane as falhas apontadas, assim outras, e aumente o número dos gentílicos, preferindo p. ex., **S. João-del-Rei** a **S. João da Madeira**, isto é, dê preferência aos topônimos brasileiros, que mais de perto nos interessam, e que averbe também os topônimos homofônicos, p. ex. — **Sena** (na Itália), **Lunda** (na Suécia), etc.

R. F. Mansur Guérios.

ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO LINGÜÍSTICA — Florival Seraine — **Cadernos de Cultura** — N.º 4 — Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Fortaleza, Ce., 1954, 61 pp.

O dr. Florival Seraine, membro da Academia Cearense de Letras, dá a público uma série interessante de expressões populares do Ceará, interpretadas consoante as recentes investigações no domínio psicolinguístico.

A primeira parte do opúsculo é intitulada — Pragmatismo e relativismo na linguagem oral, e a segunda — Ensaios interpretativos.

Vários trechos do trabalho foram insertos na revista fortalezense "Nosso Idioma" (1952 a 1954).

Salienta-se o grande papel que desempenha na vida humana o elemento afetivo que se reflete na linguagem ou através da linguagem. Encara-se a realidade lingüística integral — quem fala, onde fala, o que fala e a quem fala.

O dr. Seraine estuda sàbiamente estas expressões da linguagem cearense: **O tempo está bonito hoje!** (apesar de ameaçador); o emprégo aí do termo **bonito**, em vez de outro qualificativo (p. ex., **bom**); **fulano não é lá muito católico** (expressão que se ouve também aqui, em Curitiba); **cerconstâncias** (= circunstâncias, como sinônimo de **dificuldades**); **bichinho** (tratamento afetivo às crianças); **bondade** (= "orgulho, exigências no trato social, exagerados melindres"); **sujeito metido a bom** ("cheio de luxo"); **ausente** (aplicado à distância no espaço); **entrar de bochecha no cinema** (equivalente ao curitibano — **entrar de ratão** ou aplicar o peito); **não tenho médo de caretá** (idem, em Curitiba); **isso é uma**

tiborna ("coisa sem importância, traste sem valor", etc.); **carretilha** ("sequência ininterrupta"); **espora** ("ruim, sem valia, etc."); idem, em Curitiba); **pirões** ("comida, refeição"; em Curitiba, no sing. — **pirão**); **rabanada** ("gesto de virar-se alguém bruscamente, em sinal de zanga ou inimizade, ou ainda com a intenção de revelar desprêzo"). Diz o A. que o infixo eufônico **-n-** (**rabo** + **-n-** + **-ada**) é "para obstar a disfonia resultante do hiato". Acrescentarei que há mais expressividade em **rabanada** que se fosse apenas **rabada**.

Outros dizeres que mereceram interpretação: **rodeira** ("inveja, despeito, ciúme"); **aparar** ("fazer as vontades a alguém"; **adular**"); **amunhecar** ("esmorecer, reconhecer-se vencido"); **brear** ("emporcalhar, sujar"); **bromar** ("degenerar"); **encostar** ("vencer"); **estreparse** ("sair perdendo; encontrar resistência" — igualmente em Curitiba); **queimar-se** ("abespinhar-se; aplicar-se a carapuça; zangar-se" — idem, em Curitiba); **coado** ("fraco", "reles"); **destorcido** ("muito franco"); **empapado** ("rico"); **lascado** ("idéia de veemência, intensidade, amplitude, vivacidade" — p. ex., **uma dor lascada, um samba lascado**); **lá nêle, lá nela** ("uma espécie de fórmula mágica, de ação preservadora" — p. ex., **uma ferida horrível, lá nêle**); **chipirago** ("gole de bebida alcoólica, ingerido rapidamente"); **ximão ou chimão** ("menino que olha inconsistentemente alguém que está a comer"); **escalafobético** (também conhecido e empregado em Curitiba); **chafé** (= **chá** + **café**, i. é, "café que, de tão fraco, descorado, mais parece chá"); **liso** ("referente ao vacum de uma só côr, sem manchas"); etc.

Trata o A., além disso, de peculiaridades morfológicas, tais como **a peixa** (= o peixe); **a tigre** (= o tigre); etc.

Como o A. se acha formado e informado com as lições dos mestres de indiscutível competência, não resta dúvida que são seguras as suas interpretações. Que continue a produzir mais na trilha correta que está seguindo para gáudio e enriquecimento espiritual dos estudiosos!

R. F. Mansur Guérios.

MARTIROLÓGIO ROMANO — Frei Leopoldo Pires Martins, O. F. M. — **Editôra Vozes Limitada, Petrópolis — Rio — S. P., 3.ª ed. vaticana, 1954, 341 pp.**

Esta secção bibliográfica de "Letras" só abriga trabalhos que dizem respeito a línguas e a literaturas, mas igualmente aquêles que apresentem interesse lingüístico, como é o caso desta obra — "Martirológio Romano" (originariamente editada por ordem papal).

Tradução do latim, vem esta edição enriquecida com um estudo dos antropônimos e topônimos nela contidos, donde a importância que tem para a Onomatologia em geral e para a Antroponímia em particular.

Faz parte do seu conteúdo: Noção, origem e caráter do Martirológio Romano; normas ou rubricas para a leitura do M. R.; critérios adotados na presente tradução; bibliografia; precônia das festas e ofícios móveis; precônia de festas e ofícios particulares para o Brasil; martirológio (própriamente dito); anexos: índice alfabético; doutores da Santa Igreja; celestes padroeiros; equivalências de antroponímicos; equivalências de toponímicos; fixações de terminologia; designações vulgares de Ordens Religiosas.

E' sabido que, para a etimologia de um nome, não basta relacionar a forma atual com a antiga, de onde proveio, explicando-lhe a transformação fonética, e dando conta do sentido que se busca no seu ou nos seus elementos. E' preciso isto e mais; é mister enquadrar o nome na vida, e, com isto, parece, ter-se-á declarado tudo.

E' verdade que a tradução não dispensa a edição ou as edições latinas com o fito de cotejar particularidades ou as formas que, de qualquer modo,

possam apresentar dúvida, no entretanto o serviço que a mesma presta, é enorme, porém há ressalvas:

1.º) Não é correta a definição de **hipocorístico** — "encurtamento ou atrofia de nome". Cp. J. Marouzeau: "appellation propre à traduire une intention caressante" ("Lexique de la Terminologie Linguistique," 3.º ed., 1951), e J. L. de Vasconcelos — "Antropônimia Portuguesa", p. 453 e ss.

O encurtamento ou atrofia é a forma por que pode apresentar-se um hipocorístico.

2.º) Embora seja imprópria, consoante o nosso pensar, a designação **sícretismo** para "aplicação de nomes diversos a pessoas idênticas", o A., na parte das equivalências, postou, p. ex., **Bonifácio** ao lado de **Vinfredo**, "dois nomes de um mesmo Santo". Mas também após aquêles que apenas variam fonéticamente — **Vilmaro**: Vilmaro, Vulmaro, Vulmar, Gulmaro. Por outro lado, por que deu preferência a **Vilmaro**, não havendo na letra **G** as formas **Cuilmaro** e **Gulmaro**? Já com **Vito**, "sícretico" de **Guido**, agiu diferentemente, i. é, **Guido** também foi alfabetado.

E seria interessante explicar a duplicidade de nome para o mesmo santo.

3.º) Seria mais razoável não considerar como "sícreticos" os antropônimos corradicais, como **Vilmaro**, **Guilmaro**, etc. Que diferença há entre êstes e **Pulnário** em lugar de **Apolinário**? O A. chamou êste caso de "corruptela" pela "lei do menor esforço", porque claramente reconhece qual é a forma "plena", "correta" ou primitiva, mas difícil de decidir ante **Vilmaro**, **Guilmaro**, etc. Não resta dúvida; somente a fonética histórica poderá apresentar solução satisfatória.

4.º) **Iacobus** não é "nome latino que nos vem através do hebraico", mas, sim, nome hebraico que nos vem através do latim, sob aquela forma.

5.º) Deve ter sido, provavelmente, pela maior popularidade do Novo Testamento a forma do port. arc. **Iago** e **Tiago** (< **Sant' Iago**), como nome dos apóstolos **Tiago Maior** e **Tiago Menor**, frente a **Jacó**, erudito, ou, melhor, semi-erudito, designação do patriarca (Velho Testamento).

Jaime e **Jácome**, apesar de corradicais daqueles, são estrangeirismos no português.

Assim, parece-nos que tais divergências não são, "antes de tudo, fatôres meramente convencionais, impostos pela necessidade de distinguir ou especificar pessoas". Esta necessidade, sim, decorreu das formas divergentes.

Quanto à forma erudita **Antônio**, esta deve ter prevalecido graças às freqüentes referências nos sermões, etc., em latim, a êsse grande taumaturgo, ao passo que **Antão** ficou como que "cristalizado", a referir-se tão só ao anacoreta. Ademais, Sto. Antão é muito mais antigo que Sto. Antônio.

6.º) Parece não estar resolvida a etimologia de **Dimas**. Todavia, se se pronuncia destarte, em vez de **Dismas**, não se justifica que o A. corte igualmente, por conta própria, o -s- de **Hormisidas**, **Evergílio**, etc., e transformando o lat. **Acisculus** em **Aciclo**! Deveria, sim, aportuguesá-lo sob a forma **Aciclo**. Embora sejam nomes assim tão inusitados, não devem ser popularizados à força ou artificialmente.

Porque se tem **Carlos** < **Cárolus**, o A. achou de transformar **Márolus** em **Marlos**!

Em obra dessa natureza, o A. deveria aportuguesar de tal modo que pouquíssimo fôsse modificado do latim. Por estas e outras razões, não pode um estudioso dispensar o original latino do "Martirológio", ou, apenas com a tradução, deverá proceder cautelosamente.

7.º) Há outros reparos a fazer: **Emerico** não é igual a **Américo**. **Aldomaro** não é equivalente de **Otemar** e **Osmar**. Etimologicamente, **martirológio** quer dizer "lista [ou resenha] dos mártires..." (C. de Fig.) e não "resenha de testemu-

nhas". O lat. **martyrologium** foi criado após o novo sentido de **martyr**, o qual, etimologicamente, quer dizer "confessor, testemunhador ou testemunha".

Queira o A. não ver nestas linhas senão vontade de cooperar lealdosamente.

R. F. Mansur Guérios.

PRIMEIROS ENSAIOS SÔBRE LÍNGUA PORTUGUESA — Evanildo Bechara —
Livraria São José, Rio, 1954, 176, pp.

Reuniu o A. as primícias de seus estudos vernáculos, artigos juvenis, dos dezoito aos vinte-e-cinco anos, obra, pois, de saudade, cuja leitura, contudo, não deixa de ser instrutiva para todos, mesmo dos temas já por outros abicados.

Discípulo do grande Said Ali, com quem privou desde cedo, o A. lembra alguns fatos íntimos do Mestre (falecido em 1953), sinceramente pranteado no capítulo final.

Se se pode aquilatar, por alto, o conteúdo pelo índice, transcrevemo-lo aqui: Contribuições sintáticas e estilísticas — O sentido psicológico de "crystal" e "crystalino"; "nação" — seu histórico; notas sôltas de linguagem — "buscar"; "ir por", "vir por", "tornar por", "mandar por"; "enviar por"; "notícia" e "nova"; "boato", "fama", "voz", "rumor" e "soar"; "fórmulas e gestos de cumprimento entre vários povos"; "sob" e "debaixo de"; digressões etimológicas — "bacharel"; "história" e "estória"; "pertencer para" e "pertencer a"; as fases lingüísticas do português na "Sintaxe Histórica" de A. E. da Silva Dias; as locuções esquecidas "dar de vara" e "dar de couces"; M. Said Ali".

A nosso ver, o mais curioso capítulo é o referente a fórmulas e gestos de cumprimento entre vários povos. É pena ser muito breve. Seria recomendável que, futuramente, o A. o ampliasse a outros povos. Há o que se dizer, a respeito do cumprimento entre os nossos indígenas.

O Antigo e o Novo Testamento dão-nos conta de expressões não menos interessantes, e não ficam atrás os povos de língua árabe com numerosas e singulares fórmulas de saudação, votos, etc.

Não é peculiar à Alemanha católica o **Gelobt sei Jesus Christus!**, mas **urbi et orbi**, uma vez que recomendado pelo papa. Nesse país, ao sul, também se emprega **Grüss Gott!** — "Deus (te) salve!" Mais freqüentemente, em lat. — **Laudetur Jesus Christus!** (ou traduzido, consoante a língua do país), é usado, universalmente, nos conventos, nas associações religiosas, etc., e quando, nas ruas, se encontram pessoas reconhecidas como católicos praticantes. Assim, em port. **Louvado Jesus Cristo!** ou **Louvado seja N. S. Jesus Cristo!**, cuja resposta é **Para sempre!** ou **Para sempre seja louvado!**

Nas congregações marianas e nas pias-uniões saúda-se também com — **Salve Maria!**, mítuamente, ou, em latim, — **Nos cum prole pia!** — a que se responde — **Benedicat Virgo Maria!**

Por falar em saudação claustral, vem a propósito a dos célebres cartuxos, os quais se cuprimentam com "Lembra-te, irmão, que hás de morrer!"

Na linguagem coloquial do Brasil, o A. poderia enriquecer o capítulo com as expressões de despedida, como **adeus!**, **até logo!**, **até já!**, **até outra vista!**, **passe bem!**; com o **txau!**, de origem ítalo-paulista, que se está espalhando por todos os recantos; a saudação — **sim, sr.!**; **sim, sra.!** — (pelo menos no Paraná), dos que já se cumprimentaram uma vez, em breve espaço de tempo; os cumprimentos **viva!, salve!,** e **salve éle!, salve ela!** (de origem carioca), as saudações militares, etc.

Mesmo com expressões consagradas, a praxe do cumprimento não é uniforme no Brasil. Enquanto, p. ex., no Rio e S. Paulo, deseja-se a alguém — **boa**

tarde!, cuja resposta pode ser a mesma ao despedir-se — **boa tarde!**, entre os paranaenses, que o usam também, mas só ao chegar, nunca o dizem ao despedir-se.

Nas grandes cidades, onde o influxo do inglês é considerável, ouvem-se, muitíssimo, cumprimentos nessa língua.

Que novos trabalhos do prof. Evanildo Bechara venham enriquecer a biblioteca filológica nacional!

R. F. Mansur Guérios.

REVISTA FIOLÓGICA — **Fundador: Ten.-cel. Rui Almeida; propriedade: Academia Brasileira de Filologia** — N.º 1 — março; n.º 2 — abril e maio — 1955.

Renasce a prestimosa publicação mensal, iniciada em dezembro de 1940. Agora, propriedade da Academia Brasileira de Filologia, à qual o fundador, prof. Rui Almeida, transferiu o título, apresenta-se, como outrora, bem enriquecida.

São seus dirigentes: Rui Almeida, Cândido Jucá Filho, Serafim da Silva Neto, Antônio J. Chediak, Artur de Almeida Tôrres e Nilza Passos.

Salientamos algumas colaborações do 1.º n.º: "Pe. Anchieta" (pe. A. Magne); "A Verdade sobre a Questão Ortográfica" (Júlio Nogueira); "O Estudo das Línguas Bântus" (C. M. Doke); "Gis" ou "Giz"? (Sá Nunes); "Crucifício" (C. Jucá F.º); "Exegese de uma Cantiga Tupi" (Joaquim Ribeiro); "Um Aspecto da Sintaxe do Latim Clássico" (Júnito de Sousa Brandão); "O Verbo na Linguagem Jurídica" (Kepler Alves Borges); "Elementos de Fonologia Tupi" (Adauto Fernandes); etc.

Algumas colaborações do 2.º n.º: "Bíblia Medieval Portuguêsa" (Serafim da Silva Neto); "Linguagem Científica" (Pedro A. Pinto); "Editar ou Editorar?" (Sá Nunes); "A Projeção do Camões na Literatura Barroca" (Cândido Jucá F.º), etc. Enriquece este número o início da publicação, fotografada, do "Naufrágio que Passou Jorge D'Albuquerque Coelho & Prosopopéia de Bento Teixeira".

À confreira votos de larga existência!

* * *